

O Ethos do Progresso e os Desastres Ambientais no Mundo Moderno: uma Análise do Socialismo Soviético e da Cortina de Ferro

*Alyne Karollayne Melquiades Souza da Silva*¹

*Edu Silvestre de Albuquerque*²

*Isonel Sandino Meneguzzo*³

Resumo

A sociedade moderna aparenta uma fase de acentuado declínio e cuja causa parece remeter às suas próprias origens. A busca incessante de um progresso que guiaria a humanidade a um fim glorioso, tornou-se um ideal contraditório quando observada a realidade. O presente trabalho visa compreender de que forma o conceito de progresso enquanto *ethos* da sociedade moderna reverbera nas questões ambientais surgidas no mundo socialista. A União Soviética, em sua busca desenfreada pelo desenvolvimento, também produziu uma série de desastres ambientais de grande escala. Além de resgatar esses eventos, o texto guia-se pelo referencial de Gilbert Chesterton em sua crítica aos males da sociedade moderna.

Palavras-Chave: Progresso; Socialismo Real; Desastres Ambientais.

The ethos of progress and environmental disasters in the modern world: an analysis of Soviet Socialism and the Iron Curtain

Abstract

Modern society appears to be in a phase of sharp decline and the cause of which seems to refer to its own origins. The relentless pursuit of progress that would guide humanity to a glorious end has become a contradictory ideal when observed in reality. The present work aims to understand how the concept of progress as ethos of modern society reverberates in the environmental issues that arose in the socialist world. The Soviet Union, in its unbridled pursuit of development, has also produced a series of large-scale environmental disasters. In addition to recovering these events, the text is guided by Gilbert Chesterton's reference in his critique of the evils of modern society.

Keywords: Progress; Real Socialism; Environmental Disasters.

La ettos del progreso y los desastres ambientales en el mundo moderno: un análisis del Socialismo Soviético y la Cortina de Hierro

Resumen

La sociedad moderna parece estar en una fase de marcado declive y cuya causa parece referirse a sus propios orígenes. La búsqueda incesante del progreso que guiaría a la humanidad hacia un final glorioso se ha convertido en un ideal contradictorio cuando se observa en la realidad. El presente trabajo tiene como objetivo comprender cómo el concepto de progreso como ethos de la sociedad moderna repercute en los problemas ambientales que surgieron en el mundo socialista. La Unión Soviética, en su desenfrenada búsqueda del desarrollo, también ha producido una serie de desastres ambientales a gran escala. Además de recuperar estos hechos, el texto se guía por la referencia de Gilbert Chesterton en su crítica a los males de la sociedad moderna.

Palabras clave: Progreso; Socialismo Real; Desastres Ambientales.

1 Mestranda em Geografia, PPGe-Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

2 Doutor em Geografia; Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

3 Doutor em Geografia; Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Introdução

O homem moderno é produto de um conjunto de transformações sociais, culturais, políticas e econômicas que, em comum, se assentam num *ethos* desenvolvimentista, onde o passado e o presente são vistos com desdém diante do ideal dos olhos fixos no futuro.⁴ A ideologia do progresso como resposta aos problemas da sociedade moderna se transforma no *ethos* do homem moderno a partir do Iluminismo, cujos pensadores acreditaram inaugurar uma era sem igual de liberdade, emancipação e evolução para as nações.

Desde então, a humanidade tem perseguido um ideal de progresso que se esgota na crença em uma política orientada por tecnocratas movidos por uma visão materialista e de desenvolvimento tecnológico e científico incessante, sendo esses procedimentos independentes daquilo que produzem e que não estão atrelados especificamente ao seu potencial de satisfação (LÖWY; VARIKAS, 1992). A sociedade moderna, segundo esses autores, está em constante declínio como se observa a partir da homogeneização da cultura em torno da mecanização, da degradação sem precedentes da natureza, e das contradições e mal-estar derivados da “coisificação” da natureza e das relações humanas, gerando uma relação simultaneamente de submissão e dominação (LÖWY; VARIKAS, 1992). Soma-se a estes efeitos, a tendência de anomia social derivada do processo de mecanização e seu efeito colateral de desemprego estrutural (GORZ, 1980).

Dessas estruturas sociais emerge o homem moderno, que faz parte de uma geração “impaciente e um tanto mórbida” (CHESTERTON, 2013, p. 29), buscando constantemente novos ideais sem observar os antigos, e preferindo sempre ideias inacabadas. Entretanto, Gilbert Chesterton demonstra em seu livro “O que há de errado com o mundo” [supostamente escrito em 1910], que essa constante futurista e idealizadora possui um efeito limitador:

⁴ Ética (“*ethos*”, grego) significa modo de ser; substantivando o conjunto de valores que orientam o comportamento social.

Isso é, primeira e principalmente, o que quero dizer com estreiteza das novas ideias, o efeito limitador do futuro. Nosso idealismo profético moderno é estreito porque sofreu um persistente processo de eliminação. Precisamos pedir coisas novas pois não nos é permitido pedir coisas velhas. Essa postura geral baseia-se na ideia de que já conseguimos tudo o que de bom se poderia conseguir das ideias do passado. Mas não conseguimos extrair delas todo o bem; e mais, talvez agora já não estejamos extraindo delas bem nenhum. E a necessidade aqui é uma necessidade de liberdade absoluta, tanto para a restauração quanto para a revolução. (CHESTERTON, 2013, p. 20).

Para Chesterton, somente poderemos reparar o *ethos* do homem moderno se buscarmos um equilíbrio voltando os olhos ao passado, pois a verdadeira evolução exige que se reconheça que mesmo o progresso não é algo linear.

Assim, se as críticas ao *ethos* do homem moderno não representem propriamente novidade, são raras ainda as análises críticas para além dos limites do mundo capitalista, de modo que mesmo no meio intelectualizado muitos acreditam que os problemas sociais e ambientais derivam apenas de padrões civilizatórios tidos como modelo no ocidente, tais como Estados Unidos e países da Europa Ocidental.

Assim, o objetivo central deste artigo é analisar como o ideal de progresso acomete também as nações socialistas, em específico a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), cuja curta existência histórica foi igualmente marcada pelo desenvolvimento de técnicas e tecnologias que ocasionaram desastres ambientais de grandes proporções. Nossa tese é de que os desastres ambientais não são produtos única e exclusivamente da competição intercapitalista e de economias voltadas ao lucro, mas que remetem a esse *ethos* do homem moderno assentado num ideal de progresso.

O referencial teórico-metodológico da pesquisa se assentou na que foi talvez a principal obra do escritor inglês Gilbert Chesterton (1874-1936), intitulada “O que há de errado com o mundo”, onde este estabelece uma espécie de desconstrução do mundo moderno, e na leitura de trabalhos acadêmicos relevantes de autores que também se dedicaram ao debate

sobre o conceito de progresso. O texto encontra-se dividido em três seções, sendo na primeira apresentado brevemente o conceito de progresso que embasa o desenvolvimento do presente trabalho; na sequência resgatamos alguns dos principais desastres ambientais registrados na União Soviética e; por fim, apresentamos as considerações finais assentadas na ótica chestertoniana acerca dos desastres ambientais provenientes da sociedade moderna.

O Progresso como a raiz dos males da sociedade moderna

A evolução da sociedade humana é marcada pela relação de apropriação do meio ambiente de modo a favorecer a sua existência (CASSETI, 1995), e isso deu origem a paisagens e organizações espaciais sempre novas, assim como alterou a própria dinâmica social e interferiu diretamente no ambiente natural. No decorrer do tempo, essa interferência humana no meio ambiente acentuou-se perigosamente, na proporção do aparecimento de novas técnicas e das mudanças na mentalidade social.

Nesse sentido, Santos (2009) argumenta textualmente a respeito da intervenção humana ao longo do tempo histórico, trazendo à tona que a fase em que a humanidade se encontra, caracteriza-se pela extrema tecnificação nos processos de produção, o que sugere profundas intervenções nos processos naturais.

A modernidade, que se inicia no século XVIII (SANTOS FILHO, 2000) com suas raízes implantadas na Revolução Francesa e na Revolução Científica, leva consigo as crenças no progresso, na ciência e na tecnologia como formas de aperfeiçoar a sociedade. Assim, pode-se afirmar que o desenvolvimento do *ethos* da modernidade já está posto com o início da Revolução Industrial e a homogeneização das mais distintas organizações sociais ao redor do mundo daí decorrente.

Para Leff (2011), o processo civilizatório da modernidade fundou-se em princípios de racionalidade instrumental e econômica que moldaram as diferentes esferas do corpo social assim como os padrões tecnológicos, as práticas produtivas, a organização burocrática e os aparelhos ideológicos do

Estado. À vista disso, presenciamos uma modificação na mentalidade e no comportamento e social, surgindo assim uma espécie de *sociedade do progresso*, onde acredita-se que a humanidade possui um destino manifesto glorioso, que estaria mais próximo a cada nova geração de técnicas e tecnologias desenvolvidas. É importante ressaltar que o conceito de modernidade pressupõe a inserção cada vez mais profunda de todas as partes do mundo no sistema industrial, significando isto uma aceleração da racionalização técnica e da mecanização dos processos produtivos.

Para Adorno (1969), o progresso possui uma face filosófica e uma face social, onde a primeira lhe concede a forma teórica, e a segunda garante sua propagação no meio social, pois é através dos sujeitos que o progresso vai sendo difundido e adquirindo sua real particularidade.

Dessa forma, observamos nos autores apontados que o progresso é caracterizado por uma linearidade ilusória derivada do *telos* transcendente do progresso, numa procura insaciável das nações pelo desenvolvimento; e mais além, representa a raiz de diversos problemas que perpassam as instâncias ambiental, econômica e social, tanto nas sociedades capitalistas quanto nas sociedades comunistas, de ontem e de hoje.

Outro aspecto relevante nesse contexto é que a ideia de progresso, em sua versão mais atual de desenvolvimento, é rigorosamente sinônimo de dominação da natureza (PORTO-GONÇALVES, 2006). Ainda de acordo com este autor, ser desenvolvido é ser urbano, ser industrializado, enfim, nos afastar da natureza. No que tange ao desenvolvimento, este foi o 'carro-chefe' do projeto civilizatório, tanto no mundo capitalista, como no mundo socialista (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Dessa forma, no próprio seio do socialismo, que permaneceu produtivista com sua ideia de oferecer aquilo que o capitalismo oferecia somente para alguns (PORTO-GONÇALVES, 2006), desenvolveu-se o ideário do incremento de mais e mais materialidades para uma sociedade de massas. Não representa o escopo deste trabalho determinar se o socialismo foi mais eficiente ou menos na realização deste ideário, mas de determinar que sua mera predisposição em fazê-lo ensejou processos de destruição

ambiental de grande escala em condições de longo prazo ou mesmo irreversibilidade.

Progresso e desastres ambientais na União Soviética e na Cortina de Ferro

Segundo edição de junho de 2000 do periódico de centro-esquerda *Le Monde Diplomatique*, a crise ambiental que a Europa Oriental vem sendo acometida, mais especificamente os países que eram repúblicas soviéticas ou orbitavam em torno de Moscou, é produto de políticas seguidas durante o regime comunista onde se priorizava "a imagem de um país à frente de seu tempo".

A inserção da União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS) num contexto de destaque na disputa com os Estados Unidos, fez com que o Estado soviético potencializasse a industrialização pesada e a modernização agrícola como caminhos para demonstrar seu rápido desenvolvimento.

Estas atividades econômicas praticadas em larga escala, por sua vez, geraram a necessidade de ampliação da geração de energia, priorizando-se a instalação de usinas nucleares por todo o território soviético. O acidente nuclear ocorrido em 1986 na região de Chernobyl, na antiga União Soviética, o qual disseminou radiação por cerca de 3.000 quilômetros, ocorreu exatamente em uma dessas usinas nucleares (BERNARDES; FERREIRA, 2003), e será visto pormenorizadamente ainda ao final desta seção.

Outro conhecido desastre ambiental em território soviético é o quase desaparecimento do Mar de Aral. A multiplicação desenfreada de plantações de algodão irrigadas na bacia do Mar de Aral, não apenas desviaram os rios que abasteciam as cidades de Amu e Syr, diminuindo consideravelmente o volume de água do Mar de Aral, como assoreou e poluiu os corpos d'água remanescentes. Hoje, cerca de 90% de sua superfície original não existe mais, afetando a população que tirava seu sustento desse ecossistema aquático.

Mas há diversas outras problemáticas ambientais não conhecidas do grande público. No artigo nomeado como "Why socialism causes pollution", o economista Thomas J. DiLorenzo destaca que o regime socialista causou

diversos danos a natureza, como na exploração do Mar Negro, uma vez que os planos de moradia em massa exigiam recursos como cascalho e areia, e até mesmo a própria vegetação localizada no entorno. O primeiro impacto ambiental observado nesta região foi uma forte erosão ao longo da praia, no período de 1920 a 1960, responsável por ocasionar deslizamentos e desabamentos durante todo este período.

Outro exemplo ocorrido na URSS citado no referido artigo, foi o descaso com os recursos hídricos com o despejo de produtos químicos em rios como Oka, em 1965, responsável por matar quase todos os peixes do rio, além dos rios Volga, Ob, Yenesei, Ural e Dvina do Norte, onde foram relatados eventos semelhantes (DILORENZO, 1992).

O despejo de resíduos e esgotos não tratados em fontes hídricas era algo recorrente por toda a Cortina de Ferro, e diversas matrizes hídricas tornaram-se canais de esgoto devido à má administração pública e ao tratamento incorreto da água. A atividade mineradora também foi responsável por contaminar, através de materiais com altos níveis de toxicidade, a água de canais que antes eram límpidos e utilizados para abastecer a população dessas áreas.

Ainda com base no referido artigo, a industrialização acelerada também foi extremamente danosa sobre o ambiente natural dos países socialistas. Na região da Boêmia, localizada na então Tchecoslováquia, houve um desflorestamento causado pela poluição do ar com enxofre, que era 20 vezes superior ao nível permitido mundialmente. Por sua vez, a desflorestação causou inundações na primavera e escassez de água no verão. E a exploração do solo para a agricultura através do excesso de insumos e fertilizantes fez com que o solo se tornasse tóxico em várias regiões da antiga Tchecoslováquia.

A Polônia também sofria um verdadeiro desastre ecológico, segundo a Academia Polonesa de Ciências. Em regiões densamente industrializadas, como Katowice, a ocorrência de doenças respiratórias foi se elevando devido a poluição presente no ar, e a chuva ácida tornou-se recorrente nas localidades desta região.

Como último episódio, retomando agora o caso do vazamento e explosão do reator nuclear da Usina de Chernobyl. Ocorrido em território soviético, onde é hoje a Ucrânia, entrou para a história como o maior desastre nuclear mundial. O acidente de Chernobyl ocorreu em 26 de abril de 1986, na usina nuclear V. I. Lenin, localizada na cidade de Pripyat. A causa decorreu de omissões e falhas humanas quanto a execução de protocolos de emergência, mas também da economia de materiais definida pelo planejamento central soviético.

O acidente de Chernobyl, e depois suas graves consequências, foram negados por longo tempo pelo governo soviético, até que os níveis de radiação detectados por todo o mundo desmontaram a falsa narrativa do regime. Nos tribunais soviéticos ficou comprovado que o teste de segurança foi realizado de forma errônea e acabou por gerar uma explosão no reator 4 da usina, com isso iniciou-se um incêndio que redundou na exposição do núcleo do reator, sendo responsável por dispersar na atmosfera uma radioatividade equivalente a 500 bombas de Hiroshima.

A minissérie *Chernobyl*, da HBO, demonstrou as limitações do mito da superioridade do homem prático soviético, aquele especialista técnico que encarnava a própria razão de ser da burocracia tecnocrática socialista. Mas, em certo sentido, as limitações desse homem prático emergido da modernidade fora antecipada por Gilbert Chersterton quando afirmou que:

Em nossa época, despontou uma fantasia singularíssima: a de que, quando as coisas vão muito mal, precisamos de um homem prático. Seria muito mais verdadeiro dizer que, quando as coisas vão muito mal, precisamos de um teórico. Um homem prático é alguém acostumado à mera prática cotidiana, à maneira como as coisas funcionam normalmente. Quando as coisas não estão funcionando, é preciso do pensador, do homem com uma doutrina que explica por que elas não estão funcionando. Enquanto Roma arde em chamas, é errado tocar violino; mas é correto estudar teoria hidráulica. (CHERSTERTON, 2013, p. 21).

O modelo de reator RBMK (Reaktor Bolshoy Moshchnosty Kanalnyy) usado em Chernobyl apresentava um defeito anteriormente estudado, porém, que havia sido censurado para evitar modificações ou mesmo sua desativação. Essa irregularidade foi denunciada pelo cientista Valery

Legasov, responsável por expor ao mundo as engrenagens políticas da tecnocracia soviética. Legasov detectou que o grafite que revestia a estrutura do reator, ao entrar em contato com o oxigênio, iniciou a combustão dentro do reator. Segundo ele, o grafite não deveria estar posicionado da forma que estava, entretanto, em razão do menor custo os reatores RBMK foram assim construídos por toda a URSS.

O episódio apenas aumentou a certeza de que o homem socialista, assim como o homem capitalista, é também uma das faces do homem moderno, cujo *ethos* do progresso deseja ultrapassar velozmente o tempo presente e se impor ao sempre considerado imperfeito mundo real:

Agora, reiterando o título do livro, isto é o que há de errado. Esta é a grande heresia moderna, que modificou a alma humana a fim de adaptá-la às circunstâncias, em vez de modificar as circunstâncias humanas para adaptá-las à alma humana. Se a fabricação de sabão é realmente incompatível com a fraternidade, a desvantagem é toda da fabricação de sabão, não da fraternidade. (CHERSTERTON, 2013, p. 65).

O fator responsável por potencializar o efeito Chernobyl foi o negacionismo soviético e a coibição à divulgação de informações, as quais até hoje não se tem total acesso, como por exemplo o número exato de mortos e afetados. O modelo totalitarista soviético não permitia falhas, e mesmo quando as falhas se tornavam evidentes não permitia questionamentos. Ainda no começo do século passado, Chesterton (2013, p. 21) percebera que “nossa política moderna são ovos podres”, presas aos mitos da eficiência técnica e da perfeição humana:

Pois o caos atual deve-se a uma espécie de esquecimento generalizado de tudo a que os homens originalmente almejavam. Nenhum homem reclama o que deseja; todos reclamam o que fantasiam poder obter. Em breve, as pessoas se esquecerão do que o homem queria no princípio. E, depois de uma vida política bem sucedida e vigorosa, ele mesmo se esquecerá. O todo é uma extravagante profusão de segundos lugares, um pandemônio de *pis aller*, de males menores. Ora, este tipo de flexibilidade não só frustra qualquer persistência heróica, como também frustra qualquer compromisso verdadeiramente prático. (CHESTERTON, 2013, p. 22).

O idealismo é uma dessas disfunções trazidas pela modernidade compulsória. Este se encarna nessa vontade política de controlar os destinos da humanidade, onde “o governo não se baseia na força; ele é força” (CHESTERTON, 2013, p. 88), escudado na justificativa de ser o agente responsável pelo progresso. Apreendemos que “qualquer que seja a razão do ato de governar, haveremos de concordar que ele é coercivo e carrega consigo todas as qualidades grosseiras e dolorosas da coerção” (CHESTERTON, 2013, p. 88).

Considerações finais

Kaplan (2013) no intrigante livro *A vingança da geografia*, associa o acentuado declínio da população russa, que pode despencar de 141 milhões para 111 milhões até 2050, à alta incidência de abortos, à diminuição da taxa de natalidade e à alta da taxa de mortalidade, mas que pode estar sendo acelerado pelo passivo ambiental dos níveis tóxicos de poluição das águas e do solo do industrialismo soviético, conforme ele próprio acrescenta.

Os desastres ambientais ocultos nos países da Cortina de Ferro demonstram que a questão ambiental não se restringe ao capitalismo, mas que igualmente remetem ao próprio *ethos* do progresso que (des)orienta o homem moderno. O ideal de progresso nascido na Era das Luzes comprova-se cada vez mais insustentável ao se demonstrar incompatível com a preservação. Como diz Chesterton (2013, p. 19), “errado é não nos perguntarmos o que está certo”, pois tanto as cadeias de ações minúsculas quanto as globais nos levam a um destino fatídico advindo da reprodução ampliada dos mesmos erros. Eliminar esses velhos hábitos ancorados nas certezas inabaláveis da modernidade é o desafio de nossa época.

Quando nos propomos a pensar o meio ambiente quase sempre o fazemos a partir de uma perspectiva global, todavia esquecemos de tecer políticas efetivas de cunho local, regional e nacional, pois se “cada nação e cada municipalidade encaminhassem corretamente seus próprios problemas ambientais, seguramente nosso planeta seria um melhor lugar de se viver.” (ALBUQUERQUE; MENEGUZZO, 2018, p. 305).

Neste texto procuramos identificar e desconstruir esse *ethos* do progresso presente nesse jogo de escalas movidos pelas ideologias, demonstrando que problemas ambientais graves são derivados não apenas na competição intercapitalista, mas igualmente no lado socialista, onde através de estudos de caso na União Soviética e outros países da Cortina de Ferro ficou claro que o regime totalitário pode até abolir formalmente o lucro, mas não os custos de produção. O *ethos* do progresso tem afinal um preço também nos países socialistas, que frequentemente tem sido cobrado na forma de desastres ambientais.

Turini (2008, p. 115) ressalta: "Não é a 'locomotiva da história' que segue o curso 'natural e inevitável do progresso'. É 'a mão da espécie humana' que viaja nesse trem puxando os freios de emergência". Daí que as possibilidades de renovação devem partir da sociedade, se formos capazes de olhar menos para as utopias e mais para o presente, menos para as ideologias progressistas e mais para o mundo real, aceitando nossas imperfeições e limites.

Referências

ADORNO, T. W. **Progresso**. Tradução de Gabriel Cohn. In: Stichworte, Surkarp. Velarg, 2ª ed., 1969. p. 29-50.

ALBUQUERQUE, E. S.; MENEGUZZO, I. S. Ambientalismo e Liberdade. **Geografia (Londrina)**, v. 27, nº. 2, p. 303-309, 10 ago. 2018. <http://dx.doi.org/10.5433/2447-1747.2018v27n2p303>.

BERNARDES, J. A.; FERREIRA, F. P. M. Sociedade e natureza. In: CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. **A questão ambiental**: diferentes abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CASSETI, V. **Ambiente e apropriação do relevo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

CHESTERTON, G. K. **O Que Há de Errado Com o Mundo**. Campinas: Ecclesiae, 2013.

CHERNOBYL. Direção: Johan Renck. Estados Unidos: Sister Pictures, 2019. [série de TV]. Disponível em: <https://www.nowonline.com.br/series-programa-detv/chernobyl/1003939817>

DILORENZO, T. J. **Why socialism causes pollution**. Foundation for Economic Education (FEE). Disponível em: <https://fee.org/articles/why-socialism-causes-pollution/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

GORZ, A. **Adieux au Prolétariat. Au de-là du socialisme**. Paris: Editions Galilée, 1980.

KAPLAN, Robert D. **A vingança da geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder**. 8. ed. Petrópolis: Vozes. 2011.

LÖWY, M.; V. E. A crítica do progresso em Adorno. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, nº. 27, p. 201-216, dez. 1992. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-64451992000300010>.

MNATSAKANIAN, R. Environmental disaster in Eastern Europe. **Le Monde Diplomatique**, jun. 2000. Disponível em: <https://mondediplo.com/2000/07/19envidisaster>

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SANTOS FILHO, J. C. Universidade, Modernidade e Pós-Modernidade. In: SANTOS FILHO, J. C.; MORAES, S. **Escola e universidade na pós-modernidade**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2000. p. 15-60.

TURINI, L. A. A crítica da história linear e da ideia de progresso: um diálogo com Walter Benjamin e Edward Thompson. **Educação e Filosofia**, v. 18, nº. 35/36, p. 93-125, 10 jul. 2008.